

## DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL: TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E INDUSTRIAIS EM SÃO LOURENÇO DO OESTE-SC

INDUSTRIAL DECONCENTRATION IN BRAZIL: ECONOMIC AND INDUSTRIAL TRANSFORMATIONS IN SÃO LOURENÇO DO OESTE-SC

DESCONCENTRACIÓN INDUSTRIAL EN BRASIL: TRANSFORMACIONES ECONÓMICAS E INDUSTRIALES EN SÃO LOURENÇO DO OESTE-SC

**Leonardo Martins<sup>1</sup>**

**Resumo:** A industrialização no Brasil, inicialmente concentrada no Sudeste, começou a expandir-se para outras regiões a partir da década de 1970, impulsionada por políticas públicas e melhorias na infraestrutura. Em São Lourenço do Oeste, município localizado no oeste do estado de Santa Catarina, essa expansão facilitou a transição de uma economia agrícola e extrativista para um setor industrial robusto, apoiado por pequenas iniciativas empresariais. O objetivo deste estudo foi analisar as dinâmicas geoeconômicas do Brasil, com foco no oeste catarinense e, especificamente, em São Lourenço do Oeste. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, complementada por um trabalho de campo no município, mais especificamente no bairro São Francisco, onde está localizada a indústria Kellogg's/Parati. O trabalho de campo permitiu investigar a infraestrutura e a distribuição industrial dessa área. Os resultados mostraram que a transformação econômica de São Lourenço do Oeste está relacionada à Pequena Produção Mercantil, à influência da desconcentração da indústria brasileira e à adaptação econômica diante da crise da década de 1980 e da crise provocada pela Operação Lava Jato. Além disso, a aquisição da Parati pela multinacional Kellogg's foi analisada como um exemplo de como o capital estrangeiro desempenha um papel central na reorganização econômica local. Apesar das dificuldades econômicas desencadeadas pelas crises, São Lourenço do Oeste conseguiu sustentar um crescimento industrial, evidenciado pelo aumento do PIB e pela diversificação econômica, consolidando-se como um município industrial dinâmico no oeste catarinense.

**Palavras-chave:** Desconcentração industrial; Pequena produção mercantil; Desenvolvimento regional; Industrialização brasileira; Transformação econômica.

**Abstract:** Industrialization in Brazil, initially concentrated in the Southeast, began expanding to other regions in the 1970s, driven by public policies and improvements in infrastructure. In São Lourenço do Oeste, a municipality located in the western part of the state of Santa Catarina, this expansion facilitated the transition from an agricultural and

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão. E-mail: [leonardo.martins.pesquisa@gmail.com](mailto:leonardo.martins.pesquisa@gmail.com). Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/4418481281814952>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0906-1227>.

extractive economy to a robust industrial sector, supported by small business initiatives. The objective of this study was to analyze Brazil's geoeconomic dynamics, focusing on western Santa Catarina and specifically on São Lourenço do Oeste. To achieve this, a bibliographic review was conducted, complemented by fieldwork in the municipality, specifically in the São Francisco neighborhood, where the Kellogg's/Parati industry is located. The fieldwork allowed for an investigation of the area's infrastructure and industrial distribution. The results showed that São Lourenço do Oeste's economic transformation is linked to Small-Scale Commodity Production, the influence of Brazil's industrial deconcentration, and economic adaptation in response to the 1980s crisis and the crisis triggered by the Operation Car Wash investigation. Additionally, the acquisition of Parati by the multinational Kellogg's was analyzed as an example of how foreign capital plays a central role in the local economic reorganization. Despite the economic difficulties caused by these crises, São Lourenço do Oeste managed to sustain industrial growth, as evidenced by an increase in GDP and economic diversification, establishing itself as a dynamic industrial municipality in western Santa Catarina.

**Keywords:** Industrial deconcentration; Small commodity production; Regional development; Brazilian industrialization; Economic transformation.

**Resumen:** La industrialización en Brasil, inicialmente concentrada en el Sudeste, comenzó a expandirse a otras regiones a partir de la década de 1970, impulsada por políticas públicas y mejoras en la infraestructura. En São Lourenço do Oeste, un municipio situado en el oeste del estado de Santa Catarina, esta expansión facilitó la transición de una economía agrícola y extractiva a un sector industrial robusto, apoyado por pequeñas iniciativas empresariales. El objetivo de este estudio fue analizar las dinámicas geoeconómicas de Brasil, con un enfoque en el oeste de Santa Catarina y, específicamente, en São Lourenço do Oeste. Para ello, se llevó a cabo una investigación bibliográfica, complementada con un trabajo de campo en el municipio, más específicamente en el barrio São Francisco, donde se encuentra la industria Kellogg's/Parati. El trabajo de campo permitió investigar la infraestructura y la distribución industrial de esta área. Los resultados mostraron que la transformación económica de São Lourenço do Oeste está relacionada con la Pequeña Producción Mercantil, la influencia de la desconcentración de la industria brasileña y la adaptación económica ante la crisis de la década de 1980 y la crisis provocada por la Operación Lava Jato. Además, la adquisición de Parati por parte de la multinacional Kellogg's fue analizada como un ejemplo de cómo el capital extranjero desempeña un papel central en la reorganización económica local. A pesar de las dificultades económicas desencadenadas por las crisis, São Lourenço do Oeste logró mantener un crecimiento industrial, evidenciado por el aumento del PIB y la diversificación económica, consolidándose como un municipio industrial dinámico en el oeste de Santa Catarina.

**Palabras clave:** Desconcentración industrial; Pequeña producción mercantil; Desarrollo regional; Industrialización brasileña; Transformación económica.

## Introdução

A industrialização no Brasil, iniciada no final do século XIX e consolidada ao longo do século XX, foi marcada por uma forte concentração regional, especialmente no Sudeste, com São Paulo destacando-se como centro industrial devido às economias de

escala, infraestrutura avançada e a base econômica impulsionada pela cafeicultura. No entanto, o processo não se limitou a essa região. Desde o século XIX, a pequena produção mercantil, influenciada por imigrantes europeus, já estava presente no Sul e Sudeste, preparando o terreno para o desenvolvimento industrial em áreas originalmente agrícolas.

A partir da década de 1970, o Brasil experimentou um processo de desconcentração industrial, impulsionado por fatores econômicos, geográficos e políticas públicas voltadas à redistribuição das atividades produtivas. Esse movimento permitiu que regiões como o oeste de Santa Catarina, inicialmente focadas em atividades extrativistas e agrícolas, desenvolvessem setores industriais importantes. A pequena produção mercantil, consolidada como uma força econômica relevante desde a ocupação por imigrantes, foi fundamental nessa transformação.

No contexto da industrialização e desconcentração, é essencial considerar as dinâmicas globais que moldaram o capitalismo no século XX, especialmente o imperialismo. Conforme Lênin (2021), o imperialismo se define pela concentração de capital e pela exportação de recursos financeiros por grandes potências, visando expandir seu controle econômico em mercados estratégicos. Esse conceito ajuda a entender como corporações multinacionais, ao adquirirem empresas locais, impactam o desenvolvimento regional, como exemplificado pela aquisição da Parati pela Kellogg's e posteriormente da Kellanova pela Mars em São Lourenço do Oeste.

As análises teóricas sobre industrialização e desconcentração industrial no Brasil são fundamentais para entender as dinâmicas geoeconômicas. Prado Júnior (2004) ressalta os desafios da industrialização, como a falta de energia, a dependência de importações, políticas tarifárias e a concentração em São Paulo, além do lento avanço da indústria de base. Mamigonian (2005) enfatiza o papel dos imigrantes europeus e da pequena produção mercantil, enquanto Diniz e Mendes (2021) abordam a desconcentração industrial como a redistribuição das atividades da Região Metropolitana de São Paulo para outras regiões do país.

Reolon (2013) aborda a desconcentração industrial como um fenômeno multifacetado, influenciado por aspectos econômicos, tecnológicos e políticos. O autor ressalta que esse processo varia em intensidade e direção, dependendo do contexto regional e setorial, podendo ser impulsionado por estratégias empresariais, ou induzido por políticas governamentais. A redistribuição espacial da indústria não significa uma dispersão completa, mantendo-se concentrada em áreas específicas.

Espíndola (1996) e Peluso Júnior (1991) contribuem com discussões sobre a ocupação e integração econômica do oeste catarinense, destacando a relevância da pequena produção mercantil. Prates et al. (2016) analisam a desconcentração industrial no Brasil entre 1996 e 2010, e Kupfer (2009) e Rangel (2012) abordam os desafios macroeconômicos e os ciclos que moldaram a industrialização no país.

São Lourenço do Oeste, município do oeste catarinense, ilustra a transformação econômica ao evoluir de uma base agrícola e extrativista para uma economia industrial diversificada, combinando tradições de pequena produção mercantil com dinâmicas de desconcentração industrial e influências do capital estrangeiro. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender esse processo no Brasil, com foco no município de São Lourenço do Oeste, que representa uma transição de uma economia agrícola e extrativista para um setor industrial robusto, adaptado às novas realidades econômicas nacionais e internacionais.

O objetivo do estudo é analisar a desconcentração industrial no Brasil, destacando o papel da pequena produção mercantil, a dinâmica regional e a adaptação de São Lourenço do Oeste, incluindo a influência do capital estrangeiro. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as dinâmicas geoeconômicas do Brasil e da região oeste de Santa Catarina, seguida de trabalho de campo no bairro São Francisco, onde está localizada a indústria Kellogg's/Parati, permitindo investigar a infraestrutura, a distribuição industrial e o impacto no desenvolvimento local.

Este artigo divide-se em cinco partes. Além desta introdução, será analisada a industrialização, com foco na desconcentração industrial no Brasil e suas dinâmicas históricas, geográficas e regionais. Em seguida, apresenta-se a transformação industrial em São Lourenço do Oeste, com foco na pequena produção mercantil, na dinâmica de descentralização da indústria brasileira e na adaptação econômica do município, finalizando com as considerações finais e respectivas referências.

### **A Industrialização e a Desconcentração Industrial no Brasil: Dinâmicas Históricas, Geográficas e Regionais**

Segundo Prado Júnior (2004), a industrialização brasileira começou de forma modesta e enfrentou desafios, pois a abertura dos portos em 1808 eliminou a indústria artesanal colonial e favoreceu a importação de produtos estrangeiros. Diniz e Mendes (2021) destacam que esse processo teve um início discreto e disperso, ganhando impulso

apenas no final do século XIX. Mamigonian (1969) observa que, nesse período, as atividades industriais estavam concentradas em centros urbanos específicos e em regiões com forte presença de imigrantes europeus.

Mamigonian (1969) aponta que, no século XIX, 20% dos grandes estabelecimentos fabris do Brasil já estavam em São Paulo, com destaque para mecânica, metalurgia, calçados em Franca, impulsionados por sapateiros italianos, e indústrias de chocolate em cidades como São Paulo, Porto Alegre, Vitória e Blumenau. Nas regiões Sul e Sudeste, especialmente no Vale do Itajaí e no Vale dos Sinos, a industrialização concentrou-se em têxteis, calçados e bens de consumo, com Joinville e Blumenau como exemplos. Mamigonian (2005) complementa que, entre o final do século XIX e início do século XX, a pequena produção mercantil foi crucial para a industrialização, impulsionada pela demanda dos colonos de café e pela atuação de imigrantes europeus, como J. Palermo e S. Spessoto em Franca, SP, além da expansão da indústria de chocolate, refletindo a influência da presença de imigrantes e da demanda local.

Sampaio (2017) destaca que o setor industrial brasileiro começou a se desenvolver a partir da acumulação de capital gerada pelo complexo cafeeiro no oeste paulista entre 1870 e 1920. Mamigonian (1969) argumenta que, embora o café tenha contribuído para a expansão do mercado interno e o desenvolvimento de infraestrutura, como ferrovias e eletrificação, a ideia de que a industrialização foi uma consequência direta da cafeicultura é simplista, já que em outras regiões, como a Bahia com o cacau, o desenvolvimento agrícola não resultou em industrialização relevante. Mamigonian (1969) ressalta que a industrialização no século XX resultou de uma combinação de iniciativas particulares, estatais e estrangeiras, com imigrantes europeus desempenhando um papel crucial ao trazerem conhecimento técnico e estabelecerem indústrias a partir de pequenas iniciativas, especialmente em São Paulo e no sul do país.

Cano (2007) detalha as transformações econômicas e sociais da década de 1920, destacando o desenvolvimento dos bancos nacionais, a expansão da rede ferroviária e a diversificação agrícola em São Paulo, além de observar que as condições econômicas maduras no final da década prepararam o cenário para a Revolução de 1930, agravada, mas não iniciada, pela crise de 1929. Kupfer (2009) identifica a falta de um setor industrial robusto como um obstáculo ao desenvolvimento econômico, enfatizando a necessidade de superar a especialização colonial. Mamigonian (1969) afirma que a Revolução de 1930 foi decisiva ao enfraquecer a aristocracia rural e promover um

governo nacionalista voltado para a implantação de indústrias de base, como siderurgia, petróleo e energia, corrigindo a lacuna industrial apontada por Kupfer. Após 1929, a economia brasileira redirecionou-se para o mercado interno, consolidando a concentração industrial em São Paulo (Sampaio, 2017).

Em consequência desse movimento, a industrialização no Brasil seguiu um padrão marcado por ciclos breves de cerca de dez anos, conhecidos como Ciclos de Juglar. Inicialmente, concentrou-se no Departamento II, voltado para a produção de bens manufaturados de consumo, em contraste com o modelo socialista, que priorizava a indústria pesada no Departamento I. No entanto, assim como a industrialização socialista acabou direcionando-se para a indústria leve e os serviços de consumo, a indústria brasileira também evoluiu gradualmente para a indústria pesada (Rangel, 1989).

Entre 1949 e 1955, a indústria concentrou-se no Estado de São Paulo, especialmente no Departamento I, que engloba bens de capital e insumos básicos, mantendo-se elevada entre 1956 e 1959 (Cano, 2007). Esse período foi marcado por um rápido crescimento e diversificação industrial, com a incorporação de setores modernos sob coordenação estatal (Sampaio, 2017). Inspirada na Segunda Revolução Industrial, a expansão consolidou-se na Região Metropolitana de São Paulo, impulsionada por economias de escala, localização e urbanização, além das raízes históricas ligadas ao café e ao investimento de capital na indústria (Prates et al., 2016).

Na década de 1970, o Estado brasileiro intensificou o desenvolvimento da indústria pesada, até então pouco presente na economia nacional. Kupfer (2009) destaca que o país investiu fortemente em setores como celulose, metalurgia, siderurgia, petroquímica e minérios, integrando-os rapidamente à matriz industrial. Esse esforço fez parte de uma tendência mais ampla, que, entre 1960 e 1980, elevou a participação dos setores do Departamento I na economia, consolidando seu papel central na industrialização do país (Rangel, 2012). Esses investimentos modernizaram e ampliaram as capacidades produtivas, garantindo escalas técnicas adequadas para sustentar o crescimento econômico e reduzir a dependência de insumos básicos importados.

Durante o período de intensa industrialização, o Brasil registrou crescimento na produção industrial. A produção de aço bruto aumentou de 4,9 milhões para 13,9 milhões de toneladas métricas (284%), enquanto a de cimento subiu de 7,1 milhões para 23,7 milhões de toneladas métricas (334%). A produção de tratores agrícolas saltou de 12.562 para 56.418 unidades (449%), e a de automóveis de passageiros cresceu de 236.893 para

568.000 unidades (240%). Já a produção de caminhões e ônibus aumentou de 23.893 para 95.113 unidades (398%), refletindo a expansão acelerada de diversos setores (Rangel, 2012).

O rápido crescimento e diversificação da produção industrial brasileira indicaram a maturação da indústria, especialmente na produção de bens de capital e de consumo duráveis. No entanto, essa expansão trouxe desafios, como a necessidade de novos espaços para acomodar o crescimento. Após o ciclo expansivo no pós-Segunda Guerra Mundial, concentrado na região metropolitana de São Paulo, o Brasil iniciou um processo de desconcentração industrial para reduzir a pressão sobre a metrópole e fomentar o desenvolvimento de novas áreas industriais (Diniz; Mendes, 2021).

A partir da década de 1970, o Brasil intensificou a desconcentração industrial, com a expansão da indústria paulista para áreas do interior, incluindo centros urbanos de médio porte a cerca de 150 km da capital. Prates et al. (2016) caracterizam esse movimento como um "espraiamento" dentro da região mais industrializada, definindo-o como "desconcentração concentrada," que diversificou os locais de produção em busca de maior eficiência logística e econômica. Essa expansão não apenas reduziu a pressão sobre a metrópole de São Paulo, mas também reorganizou o espaço industrial, criando novos polos de desenvolvimento fora dos grandes centros urbanos tradicionais (Diniz; Mendes, 2021).

Nesse contexto, diversos fatores contribuíram para a desconcentração industrial no Brasil. Diniz e Mendes (2021) destacam que, além da busca por uma distribuição mais equilibrada, as deseconomias de aglomeração<sup>2</sup> na Região Metropolitana de São Paulo foram determinantes. A expansão e melhoria da infraestrutura em outras regiões, o crescimento urbano disseminado e o avanço das fronteiras agropecuária e mineral em direção ao Centro-Oeste e Norte do Brasil criaram condições favoráveis para o desenvolvimento populacional, urbano e industrial fora dos polos tradicionais.

Complementando esses fatores, Diniz e Mendes (2021) ressaltam que as decisões governamentais, tanto em nível federal quanto estadual, foram cruciais para a reconfiguração do mapa industrial brasileiro. A integração do mercado nacional por meio da construção de grandes eixos viários, os incentivos fiscais direcionados ao Nordeste e

---

<sup>2</sup> Deseconomias de aglomeração ocorrem quando a concentração excessiva de atividades gera impactos negativos, como sobrecarga da infraestrutura. Para uma análise aprofundada, ver Diniz e Mendes (2021).

à Zona Franca de Manaus, e a "guerra fiscal"<sup>3</sup> entre os estados para atrair investimentos exemplificam como as políticas públicas impulsionaram a desconcentração industrial.

A complexidade do processo de desconcentração industrial no Brasil, observado desde a década de 1970, evidencia a importância das políticas públicas e incentivos fiscais. De acordo com Prates et al. (2016) esse fenômeno é amplo, lento e multifacetado, envolvendo diversas escalas geográficas, desde áreas metropolitanas até municípios e estados. Influenciado por políticas públicas, investimentos em infraestrutura e dinâmicas do mercado de trabalho, o processo exige mudanças estruturais profundas e tempo para a consolidação dos investimentos, ocorrendo de forma gradual ao longo de décadas.

Entre 1970 e 1985, o Brasil vivenciou uma desconcentração industrial virtuosa, com crescimento acelerado fora de São Paulo, resultando em uma estrutura industrial diversificada e integrada (Sampaio, 2017). A partir de 1985, porém, as taxas de crescimento caíram, especialmente em São Paulo, coincidindo com a crise econômica da década de 1980, agravada por eventos internacionais como o aumento das taxas de juros e o choque do petróleo (Zini Júnior, 1990).

Kupfer (2009) aponta que a estagnação foi intensificada pela falta de um setor de bens de capital eficiente, essencial para impulsionar investimentos. Rangel (2012) destaca que a economia brasileira foi marcada por ciclos de expansão e retração, influenciados por variáveis macroeconômicas e políticas que moldaram a transição entre concentração e desconcentração industrial ao longo do século XX.

Na década de 1990, o Brasil passou por transições econômicas que impulsionaram a desconcentração industrial, resultando em uma distribuição mais equilibrada das atividades industriais entre as regiões. Prates et al. (2016) apontam que a abertura comercial, a privatização e a estabilização macroeconômica atraíram investimentos estrangeiros, contribuindo para esse processo. A saturação do espaço na Região Metropolitana de São Paulo e os incentivos fiscais oferecidos por outros estados foram fatores determinantes para essa redistribuição.

Santa Catarina foi um dos principais beneficiários da desconcentração industrial no Brasil entre 1995 e 2005, com crescimento no número de empregos e estabelecimentos industriais. No setor tradicional, o estado ampliou sua participação nacional em 1,52

---

<sup>3</sup> Guerra fiscal é a disputa entre estados ou municípios para atrair investimentos por meio de incentivos fiscais, podendo gerar desequilíbrios regionais e concorrência desleal. Para uma análise detalhada, ver Nascimento (2008).

pontos percentuais nos empregos e 1,93 nos estabelecimentos, atraindo indústrias de São Paulo e Rio de Janeiro. No setor tecnológico, também houve expansão, com aumento de 0,74 pontos percentuais nos empregos e 2,26% nos estabelecimentos, demonstrando a dispersão das indústrias de alta tecnologia (Reolon, 2013).

Kupfer (2009) destaca que, nos anos 1990, a política econômica brasileira priorizou a estabilização macroeconômica, negligenciando políticas de longo prazo essenciais para fortalecer a complexidade industrial. Essa abordagem fragilizou a política econômica, com pouco foco no desenvolvimento industrial. Paralelamente, ao longo do século XX, o Brasil vivenciou ciclos de concentração e desconcentração industrial, além de um processo de desindustrialização que se intensificou a partir dos anos 1990, resultando na perda de soberania em diversos setores produtivos.

No século XXI, a dispersão da indústria pelo território nacional continuou refletindo uma reconfiguração geográfica em resposta às mudanças econômicas e políticas. O processo de desconcentração industrial e desindustrialização avançou, indicando uma reorganização espacial contínua. Essa desconcentração resultou em uma distribuição regional mais equilibrada, contrastando com a forte concentração anterior em São Paulo (Diniz; Mendes, 2021).

Entre 2000 e 2010, o Brasil continuou a vivenciar a desconcentração industrial, com uma distribuição mais equilibrada das atividades produtivas em diversas regiões, incluindo municípios, estados e áreas metropolitanas. Esse processo reduziu a desigualdade de renda entre as unidades federativas e diminuiu a hegemonia de São Paulo na produção industrial, impulsionado por fatores como mão de obra qualificada e políticas de incentivo (Prates et al., 2016).

De acordo com Prates et al. (2016) entre 1996 e 2010, o estado de São Paulo, embora permaneça um importante centro industrial, registrou queda em sua participação no PIB industrial do Brasil. Em 1996, São Paulo respondia por cerca de 43% do valor adicionado industrial, porcentagem que caiu para aproximadamente 41% em 2000, 37% em 2007 e 35% em 2010. Essa redução de cerca de 8 pontos percentuais evidencia uma tendência de desconcentração industrial no estado.

O grau de industrialização no Brasil diminuiu em três momentos-chave: após 1985, devido a uma crise fiscal e financeira; após 1994, como consequência do Plano Real; e após 2008, em resposta à crise econômica global (Sampaio, 2017). Esses períodos

são vistos como parte de um processo mais amplo de desindustrialização, com a redução pós-2008 representando um ponto de inflexão, reflexo direto da crise global.

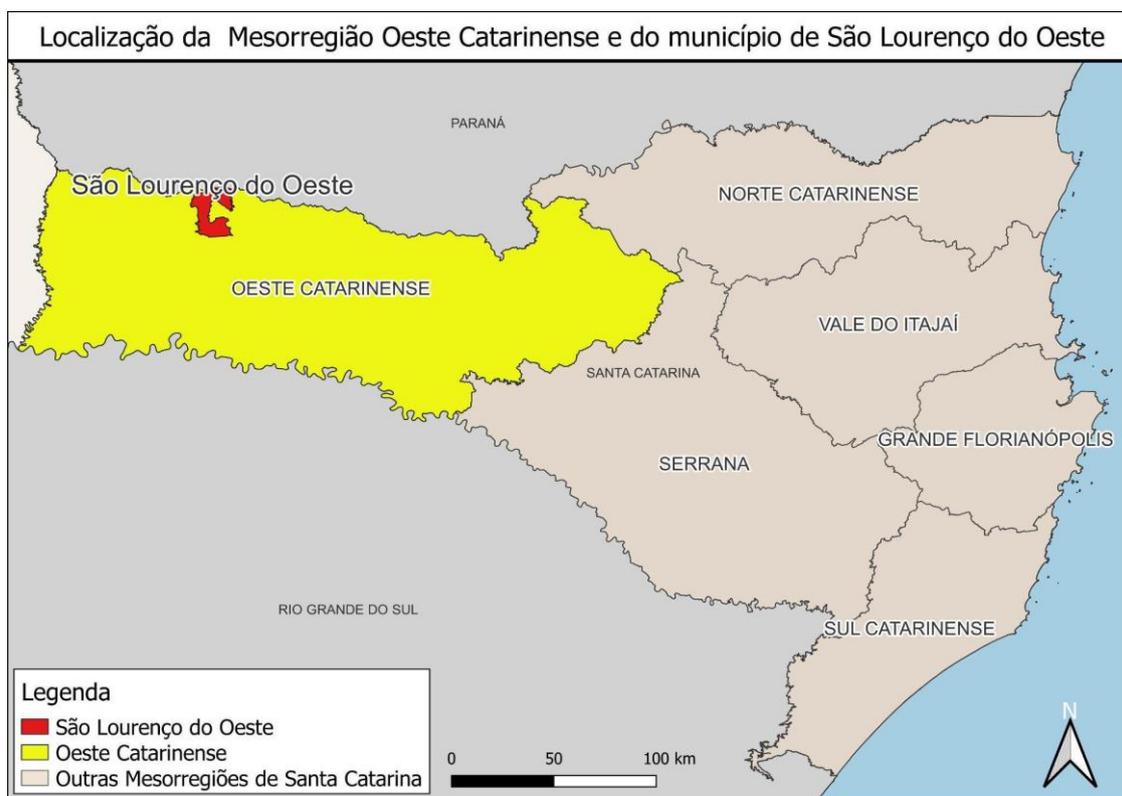
Ao mesmo tempo em que ocorria a desindustrialização no Brasil, houve uma tendência de desconcentração da produção industrial, com o surgimento de novas aglomerações produtivas em regiões como o oeste de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Essas áreas registraram um desenvolvimento industrial relevante e diversificação produtiva nas últimas décadas, especialmente em setores agroindustriais, como açúcar, frigoríficos, beneficiamento de cereais, alimentos industrializados e insumos agropecuários (Diniz; Mendes, 2021).

A expansão industrial no oeste de Santa Catarina reflete tanto a pequena produção mercantil quanto a desconcentração industrial. Segundo Mamigonian (2005), a pequena produção mercantil, que surgiu na Europa no século XIX, foi essencial para o desenvolvimento industrial da região. Espíndola (1996) destaca que pequenos produtores mercantis, muitos imigrantes ou descendentes, evoluíram de uma economia de subsistência para a comercialização de produtos como erva-mate e madeira, impulsionando a acumulação de capital e o crescimento agroindustrial. São Lourenço do Oeste exemplifica essa dinâmica ao relacionar a pequena produção mercantil, a desconcentração industrial e a adaptação às novas realidades econômicas em sua trajetória industrial.

### **Transformação Industrial em São Lourenço do Oeste: Pequena Produção Mercantil, Dinâmica de Desconcentração da Indústria Brasileira e Adaptação Econômica**

São Lourenço do Oeste, com 356,193 km<sup>2</sup> e 24.774 habitantes (IBGE, 2022), está na divisa entre Santa Catarina e Paraná, como mostra o mapa 1. Sua localização estratégica facilita interações econômicas com municípios vizinhos e países do Mercosul, fortalecendo o comércio e a indústria ao proporcionar acesso direto a mercados internacionais.

**Mapa 1** – Localização da mesorregião Oeste Catarinense e do município de São Lourenço do Oeste



Fonte: IBGE, 2017. Elaborado pelo autor

Segundo dados do IBGE (2022), o município possui 11.973 pessoas formalmente empregadas, o que representa 48,34% da população total. Com um salário médio mensal de 2,4 salários mínimos, esses trabalhadores evidenciam uma estabilidade econômica crescente, reforçando a importância de São Lourenço do Oeste como município industrial relevante no oeste de Santa Catarina.

A transformação econômica de São Lourenço do Oeste é relevante ao ser contextualizada na história de Santa Catarina. Mamigonian (2005) observa que, por volta de 1960, o estado era visto como um território de passagem entre São Paulo e Rio Grande do Sul, gerando um sentimento de inferioridade entre os catarinenses, agravado pelo isolamento da capital devido à falta de infraestrutura viária.

Esse processo de transformação econômica de São Lourenço do Oeste tem raízes no século XX, quando a região oeste de Santa Catarina foi integrada à economia monetária por descendentes de imigrantes dos antigos núcleos coloniais do Rio Grande do Sul (Peluso Júnior, 1991). Inicialmente baseada em atividades extrativistas e agrícolas

(Folador, 1991), a economia local começou a se diversificar a partir de 1948, com a chegada de imigrantes de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

Na década de 1980, o setor industrial ganhou destaque por meio de pequenas iniciativas empresariais alinhadas à pequena produção mercantil, marcando uma nova fase de desenvolvimento. Em São Lourenço do Oeste, empresas como a Metalúrgica Pressotto, Esquadrias Metálicas Sutilli, malharias, fábricas de móveis e a Parati, do setor alimentício, exemplificam a diversificação e consolidação da base industrial do município (Folador, 1991).

A história da Parati está intimamente ligada a Angelo Fantin, um imigrante italiano que chegou ao Brasil em 1949 e fundou a empresa em São Lourenço do Oeste em 1972 como uma pequena fábrica de biscoitos e massas (Schiavon, 2021). O crescimento da empresa foi impulsionado por estratégias eficazes para atrair investimentos privados, incluindo a doação de terrenos à Parati por meio da Lei nº 1.887, de 14 de julho de 2010. Essa lei permitiu a transferência de uma área pública de 862,50 m<sup>2</sup> para a Parati no Bairro São Francisco, que foi incorporada às matrículas dos imóveis adjacentes.

Ao longo dos anos, a Parati cresceu exponencialmente, diversificando sua linha de produtos e tornando-se importante na indústria brasileira de alimentos. Esse sucesso atraiu a atenção de grandes empresas internacionais, resultando na aquisição pela Kellogg's por R\$ 1,38 bilhão em 2016. Na época, a empresa faturava R\$ 600 milhões anualmente, empregava cerca de 3,2 mil funcionários e vendia 120 mil toneladas de alimentos por ano (G1, 2016). O valor da venda equivalia a pouco mais de dois anos de faturamento da empresa.

A aquisição da Parati pela Kellogg's relaciona-se com o imperialismo. Lênin (2021) argumenta que a concentração de capital e a formação de monopólios são características centrais do capitalismo avançado, com a exportação de capital e a transformação da concorrência em monopólio sendo aspectos fundamentais do imperialismo. Grandes corporações globais, como a Kellogg's, ampliam seu controle sobre mercados estratégicos por meio dessas dinâmicas. A compra da Parati exemplifica essa expansão do poder econômico e a consolidação da dominação monopolista na economia mundial.

A visão de Rangel, discutida por Mamigonian (2005), oferece uma perspectiva sobre o impacto do imperialismo no desenvolvimento dos países dependentes. Rangel

questionava a ideia de que o imperialismo fosse intrinsecamente hostil ao desenvolvimento das forças produtivas e discordava da noção de que o capitalismo nacional seria sempre benéfico. Ele propunha uma análise que considerava as particularidades do capitalismo contemporâneo no Brasil, levando em conta as complexas articulações entre diferentes modos de produção, tanto nacional quanto internacionalmente. Essa abordagem contribui para entender os efeitos da aquisição da Parati pela Kellogg's no contexto do desenvolvimento econômico brasileiro.

A aquisição da Parati pela Kellogg's marcou um novo capítulo no desenvolvimento econômico de São Lourenço do Oeste. Curioletti (2019) destaca que essa compra, impulsionada pelo capital estrangeiro, foi importante para o município. Pouco após a aquisição, a Kellogg's anunciou um investimento de aproximadamente R\$ 215 milhões para expandir as instalações da Parati. As obras, realizadas entre 2018 e 2019, consolidaram a presença da multinacional no município.

O investimento estrangeiro direto da Kellogg's no valor de R\$ 215 milhões, foi crucial para a expansão da área industrial em São Lourenço do Oeste, refletindo a atuação de grandes corporações globais em regiões estratégicas. Esse aporte permitiu a ampliação das instalações da fábrica, aumentando sua capacidade produtiva e modernizando a infraestrutura local.

A Figura 1 ilustra claramente essa transformação, mostrando a evolução da estrutura industrial entre 2018 e 2019, com novas áreas construídas e uma expansão importante do complexo industrial. Esse tipo de investimento não só impulsionou o desenvolvimento econômico, mas também reforçou a importância do capital estrangeiro como agente de modernização e crescimento industrial em regiões periféricas, evidenciando a dualidade entre benefícios locais e dependência de grandes corporações globais.

**Figura 1** – Vista aérea da empresa Parati antes da ampliação da fábrica (2018), e depois da ampliação da fábrica (2019)



Fonte: Afonso França (2019). Elaborado pelo autor.

Após o investimento de R\$ 215 milhões para ampliar a capacidade industrial da Kellogg's/Parati, São Lourenço do Oeste passou a abrigar fábricas de sucrilhos, batata Pringles e embalagens Sonoco. A Sonoco, responsável pelas embalagens das Pringles, permite que o produto seja finalizado no local, eliminando custos adicionais com transporte e otimizando o processo de produção (Martins, 2020).

Essa expansão industrial em São Lourenço do Oeste, exemplificada pela instalação de novas fábricas, insere-se em um contexto mais amplo de mudanças na distribuição das atividades produtivas no Brasil. Conforme Prates et al. (2016), o período entre 2000 e 2010 foi marcado por uma contínua desconcentração industrial no Brasil, caracterizada por uma distribuição mais equilibrada das atividades produtivas em diversas regiões do país, incluindo municípios e estados fora das áreas metropolitanas tradicionais. Esse movimento de desconcentração, que também contribuiu para a diminuição da desigualdade de renda entre as unidades federativas, reflete uma tendência de transferir indústrias da Região Metropolitana de São Paulo para outras áreas, em busca de fatores como recursos humanos qualificados e políticas de incentivo.

Nesse contexto de desconcentração industrial, a multinacional Kellogg's seguiu essa tendência. Conforme noticiado pela Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado de São Paulo, a Kellogg's anunciou o encerramento das suas

atividades na capital paulista no segundo trimestre de 2019, afetando cerca de 200 trabalhadores. A empresa justificou a decisão afirmando que a operação seria transferida definitivamente para São Lourenço do Oeste, Santa Catarina, onde já existe a planta fabril da Parati Alimentos, adquirida pela multinacional Kellogg's (FETIASP, 2018).

A decisão de transferir suas operações da capital paulista para São Lourenço do Oeste, em Santa Catarina, após a aquisição da Parati, reflete essa tendência mais ampla de desconcentração industrial. A Parati, que surgiu com base na pequena produção mercantil, evoluiu ao longo do tempo para se tornar uma importante empresa na indústria de alimentos, destacando-se pela fabricação de uma grande diversidade de produtos, incluindo cereais, biscoitos, refrescos e massas.

Ao optar por uma região fora do eixo tradicional de São Paulo, a Kellogg's não buscou apenas aproveitar os incentivos locais e a mão de obra qualificada, mas também diversificar sua base de produção em um ambiente com menor saturação industrial. Essa mudança de localização está alinhada com o movimento de desconcentração industrial observado no Brasil, conforme descrito por Prates et al. (2016).

A transição de São Lourenço do Oeste, de uma economia predominantemente extrativista e agrícola para um setor industrial mais robusto, é característica de regiões onde a pequena produção mercantil desempenhou um papel crucial na estruturação econômica. A capacidade dessas pequenas e médias empresas de evoluírem e formarem a base de um setor industrial diversificado reflete a importância da pequena produção mercantil para o desenvolvimento econômico local.

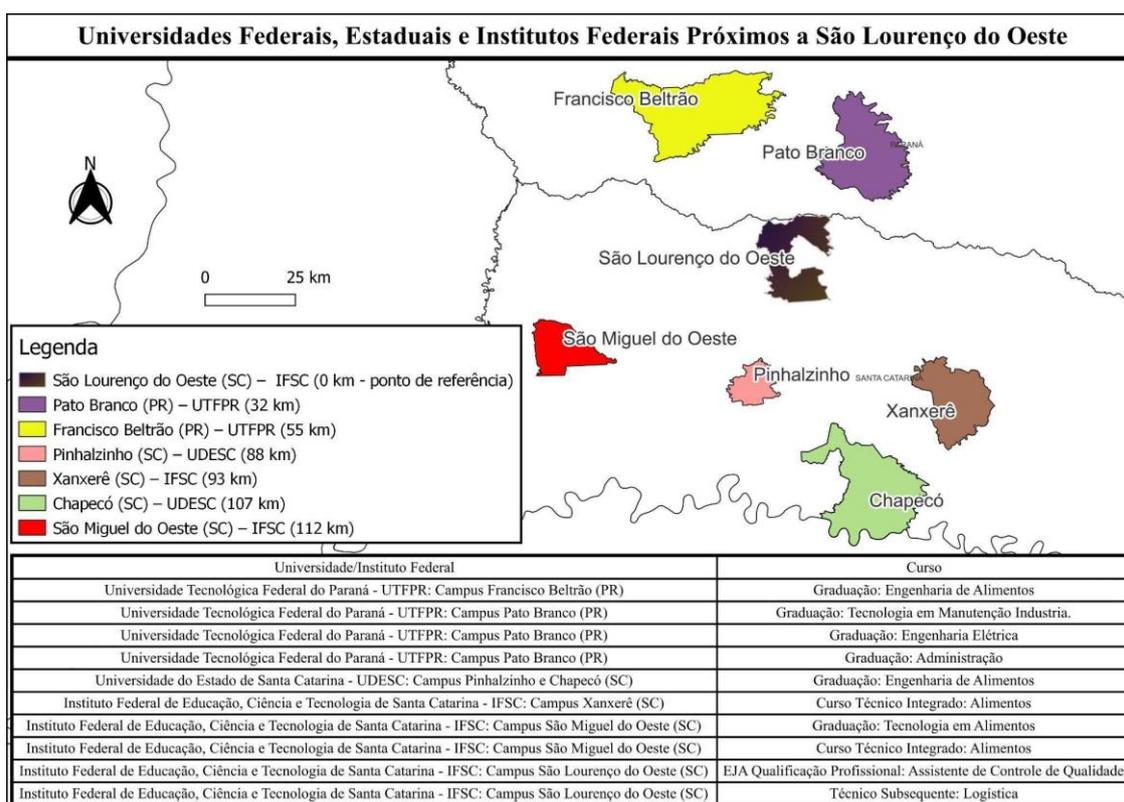
No entanto, esse processo de transformação em São Lourenço do Oeste ocorreu em um contexto macroeconômico desfavorável para o Brasil. Durante a década de 1980, enquanto o país enfrentava uma crise econômica e perdia seu dinamismo industrial, o município estava em pleno processo de industrialização. Nesse período, a desindustrialização no Brasil se manifestou de forma variada nas diferentes regiões do país, com impactos diferenciados.

Apesar dessas adversidades econômicas, São Lourenço do Oeste conseguiu desenvolver seu setor industrial em um cenário onde a indústria nacional cedia espaço para grandes empresas multinacionais, e o Brasil se tornava cada vez mais dependente de importações. A necessidade de importar maquinários e itens tecnológicos, devido à lacuna na capacidade do Brasil de produzir bens de capital e tecnologia avançada, destacou a vulnerabilidade da indústria nacional (Kupfer, 2009). Mesmo assim, o

município conseguiu consolidar uma base industrial, contribuindo para a diversificação econômica local e demonstrando resiliência diante de um cenário macroeconômico adverso.

A expansão do setor industrial em São Lourenço do Oeste também está associada à reorganização espacial da indústria de transformação brasileira, particularmente após 2008 (Diniz; Mendes, 2021). A criação de novas universidades e institutos tecnológicos federais nas proximidades do município, teve um papel fundamental na formação de mão de obra qualificada. Isso impulsionou o desenvolvimento industrial em áreas que antes careciam de qualificação, contribuindo para a desconcentração da indústria no país. O Mapa 2 mostra a distribuição estratégica de instituições de ensino superior e técnico no oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná.

**Mapa 2 – Universidades Federais, Estaduais e Institutos Federais Próximos a São Lourenço do Oeste**



Fonte: IBGE, 2017. Elaborado pelo autor

Os cursos de graduação em Engenharia de Alimentos oferecidos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no campus de Francisco Beltrão (PR), e pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), nos campi de

Pinhalzinho e Chapecó, juntamente com os cursos de graduação em Administração, Engenharia Elétrica e Tecnologia em Manutenção Industrial, disponíveis no campus de Pato Branco (PR) da UTFPR, desempenham um papel fundamental na qualificação profissional para atender às demandas da indústria alimentícia de São Lourenço do Oeste (SC), com destaque para a multinacional Kellogg's. A formação oferecida por essas instituições prepara profissionais aptos a atuar em diferentes setores da empresa, desde o desenvolvimento de novos produtos até a gestão industrial e a manutenção de equipamentos.

Além disso, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) também contribui para a formação de mão de obra qualificada para a indústria alimentícia, por meio do curso de graduação em Tecnologia em Alimentos e do curso técnico integrado em Alimentos, ambos ofertados no campus de São Miguel do Oeste (SC). O curso técnico integrado em Alimentos também está disponível no campus do IFSC em Xanxerê (SC), ampliando as oportunidades de capacitação na região.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) foi inaugurado em São Lourenço do Oeste em 26 de agosto de 2014 (Menin, 2023) e, desde então, tem desempenhado um papel estratégico na qualificação profissional do município. A instituição oferece cursos como o técnico subsequente em Logística e o EJA Qualificação Profissional em Assistente de Controle de Qualidade, formando profissionais para atender diversas demandas locais, incluindo a indústria alimentícia.

A expansão do ensino técnico e superior em regiões afastadas dos grandes centros contribui para a desconcentração industrial. Em São Lourenço do Oeste, a presença do Instituto Federal e sua proximidade com outras instituições de ensino técnico e superior fortalecem a qualificação da mão de obra, impulsionando a economia e o setor industrial. Essa base educacional sólida ajudou a indústria local a enfrentar desafios econômicos, como a crise decorrente da Operação Lava Jato. A investigação sobre corrupção na Petrobras ocorreu em um contexto de instabilidade política e econômica, culminando no impeachment de Dilma Rousseff em 2016, considerado por muitos analistas um golpe parlamentar.

Segundo Gomes (2016), o impeachment de Dilma Rousseff representou um golpe parlamentar motivado não apenas por equívocos do governo e pela crise econômica, mas também por interesses políticos e econômicos específicos. A destituição da presidenta foi articulada por setores corruptos que buscavam obstruir as investigações da Lava Jato,

desviar recursos sociais para o pagamento da dívida pública e favorecer o capital estrangeiro. A relação entre os desdobramentos políticos e os efeitos econômicos da crise é evidente, pois, enquanto a Operação Lava Jato expunha os esquemas de corrupção e aprofundava a crise política, suas repercussões econômicas se faziam sentir de maneira profunda e imediata.

A Operação Lava Jato teve impactos econômicos severos no Brasil, resultando na perda de cerca de 5 a 7 milhões de empregos entre 2015 e 2017 (Giovanaz, 2017). Ao expor práticas corruptas, a operação também desestabilizou grandes empreiteiras e setores estratégicos, agravando a recessão já em curso. Esse contexto de crise e polarização política contribuiu para o impeachment de Dilma Rousseff, seguido por reformas e medidas de austeridade que afetaram o mercado de trabalho e a indústria.

Embora os efeitos da Operação Lava Jato tenham sido mais evidentes nas regiões metropolitanas, onde o desemprego saltou de 5,8% para 8,2% entre 2015 e 2016 (Pinto et al., 2017), algumas localidades demonstraram resiliência. São Lourenço do Oeste, por exemplo, registrou uma retração de 12,55% no valor adicionado bruto da indústria em 2015, mas manteve crescimento nos anos seguintes (Gráfico 1). Um fator decisivo para essa recuperação foi a aquisição da Parati pela Kellogg's em 2016 por R\$ 1,38 bilhão, fortalecendo a economia local. Além disso, a multinacional investiu R\$ 215 milhões na expansão da empresa entre 2018 e 2019, impulsionando a base industrial do município.

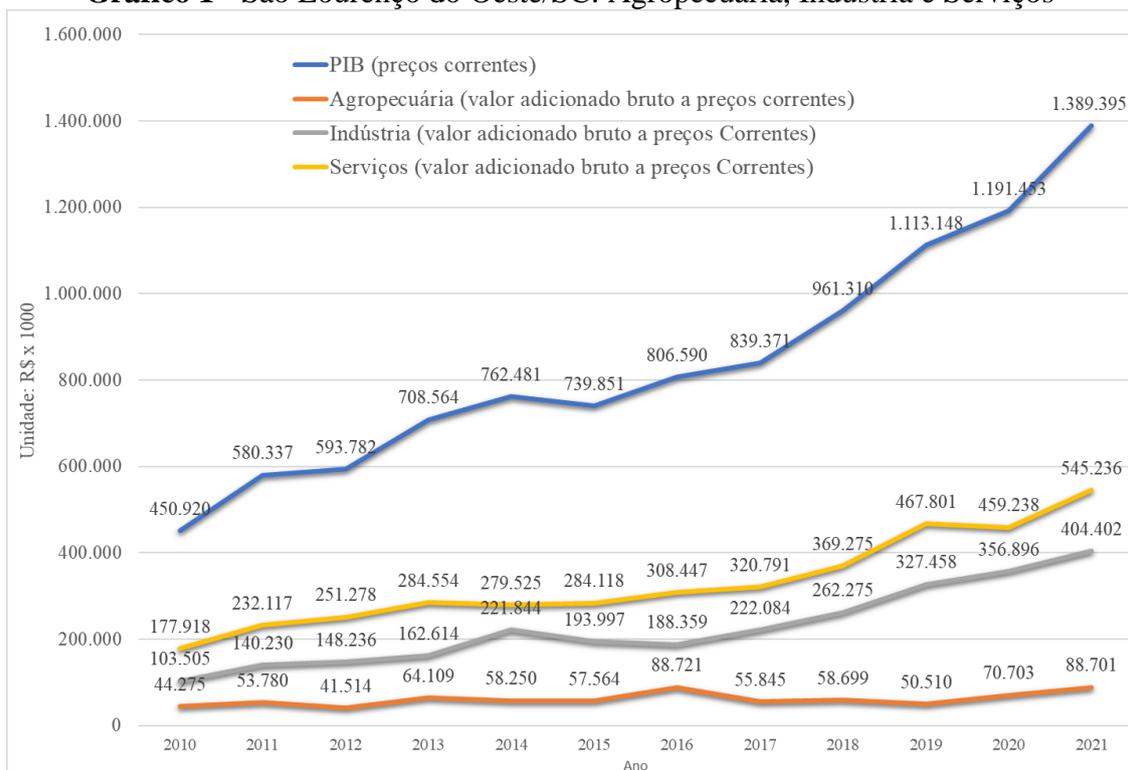
Como apresentado anteriormente, em 2016 (antes da aquisição), a empresa Parati lucrava cerca de R\$ 600 milhões ao ano. De acordo Bonfim (2023), após a aquisição da Parati pela Kellogg, houve investimentos na planta industrial de São Lourenço do Oeste, com destaque para a produção da batata Pringles. Com esses novos investimentos, as três plantas dedicadas à produção de Pringles passaram a ocupar 26.000 dos 114.000 metros quadrados de área construída do complexo da Kellogg em São Lourenço do Oeste, Santa Catarina. Como resultado, o faturamento da Pringles cresceu mais de 500%, impulsionando o crescimento da companhia.

A transferência das operações da Kellogg's de São Paulo para São Lourenço do Oeste em 2018 reflete a tendência de desconcentração industrial no Brasil, fortalecendo o município e mitigando os impactos locais da Operação Lava Jato. Posteriormente, a empresa anunciou que seu negócio global de snacks passaria a se chamar Kellanova, englobando marcas como MorningStar Farms, Pringles, Cheez-It, Pop-Tarts e cereais internacionais como Frosties, Zucaritas e Miel Pops (Rodrigues, 2023).

A Mars, proprietária da marca M&M's, adquiriu a Kellanova por US\$ 36 bilhões em 2024, expandindo consideravelmente seu portfólio. Antes da aquisição, a empresa já detinha marcas conhecidas como Twix, Mars, Snickers, Skittles, Hubba Bubba, Foodspring, Royco e as marcas pet Whiskas, Pedigree e Royal Canin. Com a compra, passaram a integrar o grupo as marcas da Kellanova, entre elas Pringles, Kellogg's, Nutri Grain, Austin, Carr's, Cheez-It, Frozen Breakfast, Pure Organic, Pop-Tarts, MorningStar, RXBAR, Toasteds, Town House e Zesta (G1, 2024).

A aquisição da Kellanova pela Mars em 2024 demonstra a concentração de capital e a formação de monopólios, típicas do capitalismo avançado, onde grandes corporações ampliam seu controle sobre mercados estratégicos. Embora a integração ao conglomerado Mars possa trazer investimentos e modernização, também reforça a dependência econômica local em relação a decisões corporativas globais. Esse processo de exportação de capital evidencia a dualidade entre desenvolvimento local e subordinação a interesses internacionais, mostrando como o crescimento em regiões periféricas está vinculado à expansão e dominação de grandes grupos econômicos globais.

A aquisição da Parati pela Kellogg's, a transferência da fábrica de São Paulo para São Lourenço do Oeste e os investimentos na expansão da capacidade industrial resultaram em um importante crescimento do valor adicionado bruto da indústria no PIB do município. O desempenho industrial continuou a superar o da agropecuária, evidenciando a importância da desconcentração industrial como estratégia central para a recuperação e o fortalecimento econômico de São Lourenço do Oeste.

**Gráfico 1 - São Lourenço do Oeste/SC: Agropecuária, Indústria e Serviços**

Fonte: IBGE, 2010 – 2021. Org.: Martins, L. 2024.

O Gráfico 1 evidencia que a agropecuária possui o menor valor adicionado bruto em comparação com a indústria e os serviços. A ordem de importância econômica é liderada pelos serviços, seguidos pela indústria e, por fim, a agropecuária. O desenvolvimento econômico de São Lourenço do Oeste se relaciona com o desempenho industrial, que não apenas cresceu em termos absolutos, mas também desempenhou um papel importante na recuperação econômica do município. A agropecuária, embora estável, exerce papel secundário em comparação à indústria. O crescimento acentuado do PIB nos últimos anos reflete uma economia em expansão, com uma contribuição importante do setor industrial.

Neste sentido, São Lourenço do Oeste destaca-se como um município relevante no oeste de Santa Catarina, impulsionado por políticas de incentivo industrial, como a doação de terrenos, e pela desconcentração industrial que promoveu a diversificação econômica. Aliado à mão de obra qualificada, proveniente de instituições de ensino próximas, e à localização estratégica, que facilita interações econômicas regionais e internacionais, São Lourenço do Oeste consolida-se como um município industrial em ascensão. A aquisição da Parati pela Kellogg's e os investimentos subsequentes, como a

expansão da fábrica e a transferência de operações de São Paulo, reforçaram sua posição como um município industrial dinâmico no oeste catarinense.

### **Considerações finais**

Ao longo do século XX, a trajetória da industrialização e desconcentração industrial no Brasil foi moldada por dinâmicas históricas, geográficas e regionais que definiram o perfil econômico do país. Inicialmente concentrada na Região Sudeste, especialmente em São Paulo, a industrialização brasileira começou a se expandir para outras regiões a partir da década de 1970, impulsionada por pressões para uma distribuição mais equilibrada das atividades produtivas. Nesse contexto, a pequena produção mercantil, enraizada no Sul e Sudeste do Brasil desde o século XIX e influenciada pela imigração europeia, desempenhou um papel crucial no surgimento de novas aglomerações produtivas e na diversificação das bases industriais em diversas regiões do país.

As transformações econômicas em São Lourenço do Oeste refletem essa interseção de influências históricas, geográficas e regionais que contribuíram para a consolidação de sua base industrial. A transição de uma economia predominantemente agrícola e extrativista para um setor industrial robusto foi impulsionada por pequenas iniciativas empresariais que seguiram a tradição da pequena produção mercantil, sublinhando sua importância no desenvolvimento local. Mesmo em meio a um cenário macroeconômico nacional adverso, o município conseguiu manter seu crescimento industrial, graças à implementação de políticas eficazes e ao processo de desconcentração industrial no Brasil, o que favoreceu a diversificação econômica.

A criação de universidades e institutos tecnológicos nas proximidades de São Lourenço do Oeste também desempenhou um papel fundamental na qualificação da mão de obra local, fortalecendo ainda mais o setor industrial. Essas iniciativas, aliadas a estratégias como a doação de terrenos para a empresa Parati, foram essenciais para o crescimento contínuo e a resiliência econômica do município, permitindo que São Lourenço do Oeste emergisse como um município industrial dinâmico no oeste catarinense.

A trajetória de São Lourenço do Oeste também evidencia as tensões entre o desenvolvimento local e a influência do capital estrangeiro. Embora a crise da Operação Lava Jato tenha causado impactos negativos na economia brasileira, o município

conseguiu superar esses desafios, principalmente graças à aquisição da Parati pela Kellogg's, aos investimentos subsequentes e à posterior compra da Kellanova pela Mars. Esses movimentos ilustram como grandes corporações globais utilizam seu poder financeiro para controlar mercados estratégicos, consolidando a lógica imperialista de concentração de capital e monopólio. Apesar de impulsionarem a economia local e o crescimento industrial, essas ações também reforçam a dependência em relação ao capital internacional, destacando a dualidade entre desenvolvimento e subordinação.

Assim, São Lourenço do Oeste exemplifica como a combinação de políticas eficazes, investimento estrangeiro e desconcentração industrial pode gerar crescimento econômico, mesmo diante de crises nacionais. No entanto, esse progresso ocorre em um contexto global que concentra poder e recursos nas mãos de grandes corporações, revelando as complexas interações entre autonomia local e a dominação imperialista.

### Referências

BONFIM, Marcos. Em busca de liderança: Kellogg investe R\$ 250 milhões para ampliar capacidade produtiva de Pringles. **Exame**. São Paulo, 7 jun. 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/em-busca-de-lideranca-kellogg-investe-r-250-milhoes-para-ampliar-capacidade-produtiva-de-pringles/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930-1970**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

CURIOLETTI, Angela Maria. **Portal Minutta**. São Lourenço do Oeste se transforma na gigante dos biscoitos e das oportunidades. São Lourenço do Oeste: Portal Minutta, 2019. Disponível em: <https://www.minutta.com.br/noticias/sao-lourenco-do-oeste-se-transforma-na-gigante-dos-biscoitos-e-das-oportunidades>. Acesso em: 9 ago. 2024.

DINIZ, Clelio Campolina; MENDES, Philipe Scherrer. **Tendências regionais da indústria brasileira no século XXI**. 1 ed. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, v.1, 2021. 52 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10556>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ESPÍNDOLA, Carlos José. **Agroindústrias do Oeste Catarinense: o caso Sadia**. Orientador: Armen Mamigonian. 1996. v. 1, Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76988>. Acesso em: 7 mar. 2024.

FETIASP. **Fetiasp**. Kellogg Brasil encerra suas atividades em SP. São Paulo: Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.fetiasp.com.br/site/?p=9116#:~:text=KELLOGG%20BRASIL%20LTDA>

%20anuncia%20fechamento,sal%C3%A1rios%20nominais%20aos%20200%20trabalha  
dores. Acesso em: 29 ago. 2024.

FOLADOR, João David. **História de São Lourenço do Oeste e do oeste catarinense**. 1 ed. São Lourenço do Oeste (SC): Cruzeiro Ltda, v. 1, 1991.

FRANÇA, Afonso. **Parati Kellogg's São Lourenço do Oeste/SC**. 20 jul. 2019. Fotografia. Disponível em: <https://afonsofranca.com.br/project/parati-projeto-vitoria>. Acesso em: 8 abr. 2020.

G1. Kellogg compra fabricante de massas e biscoitos Parati. *In*: G1. **G1 Economia**. 13 out. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2016/10/kellogg-compra-da-fabricante-de-massas-e-biscoitos-parati.html>. Acesso em: 4 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Mars, dona da M&M's, compra proprietária da Pringles por US\$ 36 bilhões; veja as marcas do negócio. *In*: G1. **G1 Economia**. 14 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2024/08/14/dona-da-mandms-compra-proprietaria-das-marcas-pringles-e-kelloggs-por-us-36-bilhoes.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2025.

GIOVANAZ, Daniel. BELLUZZO: “Lava Jato e Carne Fraca produziram 5 a 7 milhões de desempregados”. *In*: Entrevista ao Brasil de Fato. **Brasil de Fato**. Curitiba, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/01/belluzzo-lava-jato-e-carne-fraca-produziram-5-a-7-milhoes-de-desempregados/> Acesso em: 11 mai. 2024.

GOMES, Ciro. Por que o golpe acontece?. *In*: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Org.). **Porque Gritamos Golpe?** : para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016. cap. 4. p. 35-37.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base Cartográfica**. Brasília: IBGE, 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/bases-cartograficas-continuas/15759-brasil.html?=&t=downloads>. Acesso em: 20 fev. 2025.

\_\_\_\_\_. **Censo 2022**. Brasília: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=35938&t=resultados..> Acesso em: 2 fev. 2024.

KUPFER, David. EM BUSCA DO SETOR AUSENTE. *In*: SICSÚ, João; CASTELAR, Armando. (Org.). **Sociedade e economia**: estratégias de crescimento e desenvolvimento. 1 ed. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, 2009. p. 211-222.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. Tradução: Edições Avante; revisão da tradução Paula Vaz de Almeida. 1 ed. São Paulo: Boitempo, v. 1, 2021. 190 p. Título original: Империализм, как Высшая Стадия Капитализма. ISBN: 9786557170946.

MAMIGONIAN, Armen. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**: Tese (Livre Docência). Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. **Boletim-Departamento de Geografia**, Presidente Prudente, n.2, p.55-63, 1969.

MARTINS, Leonardo. **A indústria madeireira de São Lourenço do Oeste/SC**. Orientador: Marlon Clovis Medeiros. 2020. 205 f. v. 1, Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão/PR, 2020. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5256>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MENIN, Rafaela. Ao completar 9 anos em São Lourenço do Oeste, IFSC deve abrir ensino médio técnico. In: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC. **Instituto Federal de Santa Catarina IFSC**. Florianópolis, 23 ago. 2023. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/noticias/w/ao-completar-9-anos-em-sao-lourenco-do-oeste-ifsc-deve-abrir-ensino-medio-tecnico>. Acesso em: 24 fev. 2025.

NASCIMENTO, Sidnei Pereira do. Guerra Fiscal: uma avaliação comparativa entre alguns Estados participantes. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 677-706, dev. 2008 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecoa/a/JHzqCQTwXzXzbzk9mLsm74S/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. **Aspectos Geográficos de Santa Catarina**. 1 ed. Florianópolis: UFSC, 1991.

PINTO, Eduardo Costa et al. **A guerra de todos contra todos: a crise brasileira**. Rio de Janeiro: IE-UFRJ, fev. 2017 (Texto para Discussão, n. 006)

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 46<sup>o</sup>. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PRATES, Rodolfo Coelho *et al.* Desconcentração Industrial no Brasil: uma análise do PIB municipal entre 1996 e 2010. **Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD**, Curitiba, v. 37, n. 131, p. 159-175, 21 dev. 2016 Disponível em: <https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/837>. Acesso em: 23 jul. 2024.

PREFEITURA DE SÃO LOURENÇO DO OESTE. Lei nº 1.887, de 14 de julho de 2010 nº 1.887, **Diário Oficial dos Municípios de Santa Catarina**. seção 535, São Lourenço do Oeste, p. 182-182, 14 jul. 2010. Disponível em: <https://www.diariomunicipal.sc.gov.br/atos/67022>. Acesso em: 18 set. 2024.

RANGEL, Ignácio. Economia: milagre e antimilagre (1985). In: BENJAMIN, César. (Org.). **Ignácio Rangel - Obras reunidas - volume 1**. 3 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 681-742.

\_\_\_\_\_. Recursos ociosos e ciclo econômico: alternativas para a crise brasileira. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 17-26, jan-mar. 1989.

REOLON, Cleverson Alexander. **Produção industrial e comando do capital no Brasil**: uma análise espacial. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 255 p. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN: 9788579834660. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/fd5bada2-22c6-4723-8e1a-b64b7dbe3ae0>. Acesso em: 23 fev. 2025.

RODRIGUES, Carina. Negócio de snacks da Kellogg será nomeado Kellanova após spin-off. *In*: **Grande Consumo**. Rio de Mouro, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://grandeconsumo.com/negocio-de-snacks-da-kellogg-sera-nomeado-kellanova-apos-spin-off/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SAMPAIO, Daniel Pereira. Desindustrialização e desenvolvimento regional no Brasil (1985-2015). *In*: MONTEIRO NETO, Aristides; CASTRO, César Nunes de; BRANDÃO, Carlos Antonio. (Org.). **Desenvolvimento regional no Brasil**: políticas, estratégias e perspectivas. 1 ed. Rio de Janeiro: Ipea, 2017. p. 369-396.

SCHIAVON, Roberto. Angelo Fantin: o italiano que criou os biscoitos Parati. *In*: Italianismo Participações Ltda. **Italianismo**. 12 set. 2021. Disponível em: <https://italianismo.com.br/angelo-fantin-o-italiano-que-criou-os-biscoitos-parati/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ZINI JÚNIOR, Álvaro Antônio. O Brasil num cruzamento: dívida externa e exaustão fiscal. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 29-48, jan-mar. 1990.

*Recebido em 04 de setembro de 2024.*

*Aceito em 05 de março de 2025.*

*Publicado em 11 de março de 2025.*